



Visado pela  
Comissão de Censura

# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII • N.º 292 • PREÇO 1500

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

O mês de Maio promete ser farto de entregas. Que me lembre são dez em Montemor-o-Novo, quatro no Bombarral, seis Torres Novas, Madalena outras tantas, Gulphihares e Valadares cinco, Fontelas duas, Miragaia vinte oito, Ramalde doze. Cantanhede e mais.

Não devem contar comigo. Não faço ali falta.

O pároco da formosa vila de Trancoso, fez entrega das primeiras num terreno de dois hectares oferecido por um trancosense residente em Lisboa, o qual deu também vinte e quatro contos para elas. Ele vai semear aquele terreno de casas gêmeas e limpar os tugúrios de dentro da vila. Assim o diz a urgência de casas, o zelo do pároco e o entusiasmo do povo.

Na cidade da Guarda, lavra incêndio posto pelos vicentinos. A procissão leva três casas do clero e o Senhor Bispo também vai com duas. Caso inédito! Farta. Forte e Bonita. Tire-se-lhe o feia.

Aqui perto de nós na vila de Paredes, o pároco tem dinheiro e terrenos para começar a construir. Oito diz ele e eu digo que muitas mais. Tantas quantas. Porquê? Porque é no altar. É no altar, à estação da missa e ali é o sítio. No domingo imediato à visita paschal, aquele sacerdote levanta a voz e pede aos da comitiva que digam. Que falem: lojas e cortes aonde entram com a Cruz e os habitantes beijavam cristãmente, ajoelhados em jornais velhos! A verdade toda e sempre. O altar é o lugar dela. O povo gosta de ouvir. Enche-se. Acredita. Realiza. É a acção. Esta mesma verdade nos livraria de tanta miséria desnecessária e imerecida, se os fiéis de todas as paróquias, em lugar de esconder, se juntassem todos para tirar a crosta às feridas... Oito casas? Não senhor. Muitas. As que forem precisas.

Alguns que nos escrevem sobre o auxílio do Terreiro do Paço, deixam ver por entre linhas o engano em que estão, pelo que temos de esclarecer. Não se trata de maneira nenhuma de uma coisa oficial. O senhor engenheiro Arantes e Oliveira vai na procissão com 500 contos e mais nada. Aquela soma, segundo Ele e eu, é para me colocar na posição de prosseguir como até aqui temos feito e não faltar aos sacerdotes e

vicentinos de boa vontade. Desde que tudo é deixado ao nosso critério e porque não será possível com aquela quantia ir a todos, não se admirem se dermos preferência às terras mais pobres. Nos distritos da Guarda, Viseu e Castelo Branco, a falta de casas é angustiosa. O povo não tem recursos. Eu sei de uma terra aonde todos se juntaram para remediar um e nem para as paredes! Tudo pobres. É precisamente destas províncias que vai a orda dos miseráveis causar dificuldades aos que mandam em Lisboa. Ora uma casa pequenina entregue a uma família, prende à terra essa família. Eis aqui a nossa razão. Aqui a nossa preferência. Nas terras afortunadas, recorra-se aos homens de fortuna. Visto como o fundador de uma obra é o seu melhor intérprete, aqui se torna público que uma das razões foi justamente o ajudar os chamados ricos a darem bom emprego aos seus dinheiros. Eu quis interessar todos os portugueses numa empresa humana de que não há memória. Subindo mais um degrau na ordem de afirmações, eu procurei o bem de cada um, feito a si mesmo, com os seus próprios bens. E se me é lícito chegar à última afirmação, eu quero que todos se salvem. Eis aqui a última razão do Património dos Pobres. Que ela seja a luz do século.

## NOTA DA QUINZENA

Ontem era a hora do meu chá aparece à porta da cozinha uma rapariguinha de nove anos, lenço atravessado no peito. Mando entrar. Ofereço-lhe leite quente ao que ela responde que não: *faz-me mal*. Tento chá e ela aceita. Ali junto de mim fez sopas do meu chá muito bem açucarado. Notava-se nos seus olhinhos a delícia do momento. Trazia na mão um papel azul de 25 linhas aonde a Comissão local de Assistência declarava por *sua honra* que a mãe da pequenita é *econômicamente incapaz de prover às necessidades de sua filha*, a qual vai dar baixa num hospital e sofrer uma operação. Todas aquelas palavras são perdidas. O sentido delas também não se aproveita. *Econômicamente débil*, é a cortina que hoje



# Aqui, LISBOA!

Tive pena de não estar presente na semana da Campanha da Habitação em Lisboa, realizada entre os Estudantes Universitários. No dia da abertura, à hora em que o Padre Carlos começava, no Instituto Superior Técnico, a falar aos novos Engenheiros, as asas da América punham-me em menos de quatro horas em Santa Maria. Paciência! No hotel «Terra Nostra» pensei quão fácil é esquecer a existência dos famintos e encurralados e até do próprio Deus. Ao liquidar a conta, ainda recebi um valioso donativo. Mais um salto entre as ilhas e eis-me em Ponta Delgada, sem ter gasto um centavo das esmolas que nos dão. Lá vai tempo em que me foi recusado um «passe» no *chora-chora* de Coimbra. O Não daquele tempo deu neste *deixa passar que é dos poucos que trabalham*. A um não dolorosamente sentido, segue-se sempre um rosário de muitos *sins*.

Outro não foi a casa de Ponta Delgada. Três anos de expectativa inútil. Na hora em que se ia pronunciar o *não podemos continuar*, apareceu uma quinta comprada e já paga por oitocentos contos e mais cento e cinquenta contos para adaptação e mais cinquenta para as primeiras culturas.

Honra seja à Junta que *tão* felizmente nos deu este *Sim!*

Agora, difícil se torna dizer do entusiasmo contagioso do Padre Elias. Plantações, sementeiras, ruas, ermida, escolas, campos de jogos, oficinas — tudo se entrecacha naquela cabeça, roubando-lhe muitas noites de sono. Só quem lida com Rapazes, sabe apreciar o valor imprescindível desta riqueza. Ainda um dia se hão-de varrer das cidades todos os asilos e supostas casas de educação de crianças pobres.

Pouco mais fui fazer do que congratular-me com o Padre Elias, com os Rapazes e com a boa gente de S. Miguel.

Ainda durante a estadia, por mais do que uma vez, o telefone clamava: *querem dar uma quinta de oitenta alqueires!* O entusiasmo dos que trazem a notícia, vem quebrar-se na indiferença de quem não ata nem desata. *Só se fosse para repartir pelos Pobres...* Que a desgraça de muitos, são os latifúndios. A divisão da grande propriedade, feita por amor, evitaria tanto ódio e tanto sangue!

No regresso, renovam-se as manifestações de simpatia para com a Obra. Santa Maria é um pequeno condado cristão. Se me fosse dado escolher residência, fixá-la-ia naquela Ilha. O nome, o amor fraterno que ali reina, a candura das crianças que nos rodeiam, a suficiência, a ordem e paz... Quando os povos desiludidos de todos os erros e teorias sociais que têm experimentado, quiserem encontrar o caminho de felicidade que ambicionam, podem ir estudar ali a civilização cristã, a única que vale. É tudo tão simples!

De novo em Lisboa, tomei conhecimento dos resultados da Semana de Estudo. Padre Carlos percorrendo cada uma das Faculdades, pegou o fogo. Na Sociedade de Geografia o sopro do Padre Américo passando por sobre as brasas, deixou tudo a arder. A Campanha está feita. Resta aguardar a hora da abertura das portas de Lisboa. O não de há tempos da Câmara de Loures, deu agora numa profusão de genero-

(Continua na terceira página)

# COLISEU!

Realiza-se no dia 2 de Junho no Coliseu do Porto a nossa festa anual. Quem quiser ver o bom e o bonito, feche a porta da rua e venha.

# COLISEU!

# OS SURRIBADORES

A caminho de Trancoso em serviço do *Património*, tive ocasião de passar e demorar-me um nada num povo muito pobre, aonde as casas são de pedra sem mais nada, tendo por mestre e pastor um sacerdote da Santa Madre Igreja. Somos conhecidos. Ele tem-se por padre da rua. Bebe da nossa água. A sombra da obra, tem posto óculos de ver ao longe e feito espantosa cultura dos talentos que Deus lhe deu. Bendito seja o Senhor Deus de Israel.

Condoído da sorte das crianças da escola, dá a cada uma e todos os dias uma refeição quente. Nunca ninguém falta, sinal evidente de que não há caldo em casa dos seus pais. Para os livrar do inverno, o padre Duarte arranhou uma gabardine para cada um. Quê? Sim. Sacos de serapilheira dobrados, que se guardam no refeitório e servem em dias de chuva. Que refeitório é este? Uma velha dependência da igreja, aonde eram carcaças de andores. A Autoridade condenaria, sim, mas ali tem algo que supre e supera. Padre Duarte tem um serviço de assistência imediata e urgente aonde vem um médico periodicamente, livrando assim o seu rebanho de caminhar dez quilómetros por uma injeção ou consulta, na sede do concelho. O mesmo sacerdote acaba de obter por compra uma casa antiga em bom estado, aonde vai fazer um *Calvário*. Loucuras sobre loucuras! E quem quiser ficar a saber como é verdade que o amor do próximo nos conduz necessariamente ao esquecimento de nós mesmos, vá ver a casa aonde ele mora e experimentar o que ele come. Final-

mente e como não podia deixar de ser, o pároco de Fontelo tem na sua paróquia casas do *Património*.

Sem falar de outros que se encontram de premeio, que tantos são, e como hoje me quero dar ao heroísmo do padre que sabe empobrecer para enriquecer almas, vamos falar de um seu colega de aqui bem perto, o qual também se chama e tem por padre da rua. Este tem mais do que o outro, o privilégio de haver feito longas estadias em camas dos sanatórios. É doente. Sabe mais do que nós e a sua acção é mais poderosa. Também são de pedra sem mais nada, as casas do povo que ele rege. Mantem um dispensário, aonde o António Leão de Baltar dá consultas de muitas horas, perdidicamente. Não falta a casa do *Património*. Um lactário também, creio que único em Portugal na sua força de higiene e simplicidade: o leite anda no úbere das vacas. As mães vão por ele às horas combinadas, padre Aires paga aos lavradores e arrumou. Quantas crianças tem ele livrado da morte! No meio da grande pobreza do seu povo, recrutou e fez vicentinos. É dele esta lição. Vem numa cartinha que acabamos de receber: «muito latim empreguei eu para a nossa conferência passar a socorrer uma solteira, mãe de cinco filhos. Mais latim, para a vicentina designada aceitar o encargo da visita semanal; e todo o meu latim, para se continuar a socorrê-la por amor de Deus. É uma desgraçada, sempre agarrada de alma e coração, ao pai dos filhos, também solteiro. Não tem carácter. É ladra e tem uma lín-

gua de metro. Só por amor de Deus.» Nunca se viu tão de mãos dadas e num só amor, o do próximo mais-lo de Deus.

Mais do que vicentinos, eu estou muito contente por que esta lição do padre Aires vai ser lida e meditada nos seminários da nossa terra. Muitos seminaristas, agora, aparecem por aqui. Os superiores de alguns seminários, querem-nos ver lá; sem darem fé de que nós já lá estamos...! Temos tido notícia de conquistas extraordinárias e recentes: aonde o Gaia-to não podia entrar, hoje é o livro da mesa, sim; muito contente. É um padre quem fala e não diria tanto nem tão bem, se não tivesse de Cristo o que acima nos diz a respeito da pecadora. Nós não podemos revelar Cristo, se Ele primeiramente se não revelar a nós. E só depois disso que somos capazes de dizer d'Ele o que sabemos; e sem essa revelação a nossa palavra não aquece nem converte.

Mas isto que se diz é nada. O ponto culminante vem agora. Como é que num aglomerado tão reduzido o zelo do apóstolo acha um tamanho assunto? Ora leiam o Relatório:

«Presidente Nacional da Obra das Mães pela Educação Nacional Lisboa.

Sendo uma das minha maiores aspirações melhorar as condições do trabalho feminino nesta terra, porque, além de constituir uma obra de misericórdia, está implicada a moralização da mulher, resolvi apresentar a V. Ex.a um inquérito que realizei sobre o trabalho feminino em Ordins e Ribas,

onde sou capelão. Desta forma, espero que o Organismo oficial, a que V. Ex.a altamente preside, volte, para este meio rural tão necessitado, as suas atenções, logo que possível, como V. Ex.a já me prometeu.

Trabalho feminino em Ordins e Ribas, freguesia de Lagares—Penafiel:

1) *Fiandras de linho* a) Número: há 28 em Ordins e 13 em Ribas.

b) Tempo de trabalho: as meadas pesam cada uma 1 kg. e, por vezes, 1,500 kg. Uma meada de 1 kg. de estopa ou tomentos leva 8 dias a fiar. As de linho fino levam mais tempo.

c) Salário: por uma meada de linho fino, um alqueire de milho; por uma de linho cheio, meio alqueire; por uma de estopa delgada, meio alqueire; por uma de estopa grossa ou de tomentos, uma quarta de alqueire.

São raras as casas que, além da paga, dão a «merenda», constituída, como é costume, por um pouco de pão e uma malga de feijões.

2) *Fiandras de cabelo de cabra* a) Número: há 10 em Ordins e 10 em Ribas uma.

b) Tempo de trabalho: em regra, a fiandeira fia 1 kg. de cabelo por semana, ou sejam 2\$00 secos diários.

c) Salários: 12\$00 por cada quilograma.

3) *Jornaleiras* a) Número: há 11 em Ordins e 11 em Ribas.

b) Salário: 3\$00 diários e de comer.

4) *Costureiras* a) Número: há apenas, em Ordins 6.

b) Salário: cerca de 10\$00 diários, a seco.

5) *Criadas de servir* a) Número: há 32 raparigas de Ordins e 10 de Ribas, a servir, fora desta freguesia.

6) *Leiteiras* a) Número: há, apenas, 4 leiteiras em Ordins.

b) Transporte do leite a Lagares: 1\$30 diários, a seco.

Transporte da manteiga a Valpedre: 1\$60, a seco, em dias alternados.

7) *Tecedeiras* a) Número: há, apenas, duas em Ribas.

b) Salário: tecem um «ramo» por dia, ou sejam 8\$00 secos.

**Conclusão** 1) Nota-se um grande êxodo das raparigas para outras terras, logo após a 3.ª classe da Instrução Primária, com gravíssimas consequências:

a) a criança não está ainda educada;

b) a criança safu de casa, sem aprender certos trabalhos domésticos que nunca mais aprenderá e, mais tarde, quando casar, necessitará de saber. Há aqui criadas de servir que casaram e não sabem fiar, nem remendar uma roupa;

c) adquire certos hábitos de luxo, que, depois, não pode manter e não adquire, muita vez, hábitos de economia;

d) fica moralmente desamparada e, por vezes, perde a honra.

2) Os ordenados são muito baixos, até mesmo deshumanos. Não admira que a saúde física e, até, moral se ressentam. O dispensário Médico de Ordins é frequentado quase só por mulheres. O número de filhos ilegítimos

## TRIBUNA DE COIMBRA

Acabo agora mesmo de chegar da visita à *abandonada de oito filhos*. Hoje, naquela casa, tudo era escuridão e tristeza.

Cá fora, Coimbra vestiu-se de grande gala para receber daqui por poucas horas os dois grandes Presidentes de Portugal e do Brasil. São as duas Pátrias irmãs, ou melhor, mãe e filha, que se juntam e se abraçam. Deus queira que seja abraço de paz, justiça e amizade eternas. Até o sol que ontem foi tão trovejado, hoje despertou alegre e festivo.

Da primeira vez, quase há cinco anos que a Tribuna falou daquela família, muitos leitores se deixaram ferir e têm marcado presença. Então eram oito filhos à volta da mãe, sendo os dois mais velhos tuberculosos. De então até agora aquela casa tem sido um contínuo altar de imolações e sacrifícios. Só um filho de quando em quando ganhava. Agora no pequeno espaço de vinte e sete dias. Deus levou dois dos mais velhos. Primeiro a rapariga. Vinte e tantos anos cheios de vivacidade. Passou parte de todo este tempo nos Hospitais. Ultimamente esteve no Sanatório de Celas e vendo próxima a hora pede à Mãe para vir morrer a casa. Antes da morte chama os irmãozitos, a mãe e a todos dá os últimos conselhos e por fim diz que vai dormir para Deus e adormece serenamente e para sempre.

O filho, de vinte e um anos,

saiu já há tempos do Sanatório de Covões e agora foi ainda para o Caramulo e dali veio um telegrama a dar a notícia da sua morte.

Aquela mãe hoje aflita e a soluçar aponta-me atrás da porta os três filhinhos mais novos também doentes. E conta-me que o médico e toda a gente a manda sair daquela casa onde a água entra e não há luz.

A meu lado estavam três rapazes dos novos, de lágrimas nos olhos.

Eu enquanto escutava, ia olhando para os meus sapatos salpicados de lama de ir ontem à noite ver um terreno grande que um paroquiano de S. Bartolomeu quer oferecer para construção de casas. Fica à distância de três mil e duzentos metros da Estação Velha. E ao mesmo tempo ia pensando em tantos que têm bons terrenos disponíveis e os não querem dar.

Talvez fosse esta doação a sua chave de salvação!...

Olho para esta família e para tantas outras em iguais e piores circunstâncias; vejo já tantas vontades a angariar dinheiro para construção e o terreno que temos a ficar tão longe!...

Mas para já, urge começar. Não olhamos mais a distâncias. Se ninguém vier com terrenos mais próximos e as autoridades não se atravessarem, daqui por pouco tempo quem passar na estrada do Porto para Coimbra há-

-de encontrar um grupo de casinhas para Pobres e os seus moradores a abençoar ou a amaldiçoar quem passa.

No próximo domingo irei começar a percorrer as igrejas de Coimbra, uma a uma, e a falar a todas as Missas. A Doutrina é esta. Quem estiver presente vai ouvir isto.

Irei também falar das nossas oficinas. São elas agora o objecto das minhas horas. No dia dezasseis foi a primeira pedra. No fim da Santa Missa a que todos assistiram e muitos comungaram e durante a qual todos pedimos o mesmo auxílio do Pai do Céu, juntámo-nos à volta dos caboucos, e os quatro que hão-de ser os primeiros mestres rebolaram a pedra. Foram o Pião (sapateiro), o Nelas (ferreiro e serralheiro), o Figueiredo (carpinteiro) e o Martelo (alfaiate).

Nesse mesmo dia o Pião (o maior vendedor de todo o país) fazia dezasseis anos. É o gaiato mais antigo da casa. Veio de pequenino, de colo.

No fim partimos para Fátima a juntar-nos a muitos milhares de rapazes e raparigas de trabalho. Ali vivemos horas grandes naquela consagração à Mãe do Céu.

Que os frutos colhidos ali por tantos milhares de rapazes e raparigas perdurem nas almas generosas que os colheram.

PADRE HORÁCIO



# ISTO É A CASA DO GAIATO

Anda aí uma ninhada de patos tirados por uma galinha. Quando botaram os ovos, por engano ou quê, junto com os de pata foi um ovo de galinha. Acontece que o pintainho nasce e os patos não. Este foi posto na cozinha dentro de uma ceira de figos, daquelas que o *Senhor dos figos* nos costuma vir trazer todos os anos a dezanove de Março; e oxalá por muitos. Pois o pintainho vivia dentro da ceira e porque entregue a todos, era mui mal entregado e andava em grandes riscos. O mistério envolvia a curiosidade de todos: porque é que saiu o pintainho e ficaram os patos, sendo que a galinha tomou conta dos ovos no mesmo dia? E o certo é que todos nós andamos envolvidos neste e noutros mistérios, mesmo aqueles homens (e são tantos) que ateamam em não entrar nas portas da metafísica. Os dias iam correndo. O pintainho era o assunto. Eu estava ao corrente de tudo. Sendo que o senhor padre engenheiro está, o certo é que as coisas *importantes* ainda é a mim que vêm dar. Eu sabia de tudo. Até ao meu quarto de dormir, por duas vezes, que me lembre, foi o Bernardino levar o pintainho! Nem horas, nem lugar. Nada se respeitava. O pintainho é que era. Até que um dia deu-se o inevitável. No trânsito da cozinha e à hora de mais aperto, ele foi atropelado e morreu. Anda hoje a galinha com os patos atrás.

\*\*\* Se vamos a mistérios há um maior que a gestação do pintainho; tamanho que só dá joelhos. O Bernardino fugiu! Juntamente com ele o Récio. Andam por lá. O primeiro tem dezassete e o segundo tem dezanove. Vieram para nós em pequeninos. Padre Carlos mais eu, ficamos a olhar os fugitivos, as consequências, os perigos, tudo. Queríamos penetrar, conhecer, remediar. Gostariamos de estudar outros sistemas. Explorar caminhos diferentes. E ficamos ambos por muito tempo mergulhados na tristeza da nossa insuficiência, com a esperança de que Deus venha a dar a Sua hora aos dois que deixaram a casa. Amen.

\*\*\* A saída dos *Batatas* depois de jantar coincide com a minha hora no meu refeitório. Dois dos mais pequeninos, têm por hábito demorar-se ali perto da janela a folgar. O Antoninho, meu refeitoreiro, que está farto de os ver a toda a hora e por toda a parte, ali gosta mais e assim é que me deixa sozinho e vai colocar-se no peitoril. Olha os dois irmãozitos com ternura inenarrável. Manda-lhes beijos nas pontas dos dedos. Volta-se para mim com um sorriso só dele e exclama: *olhe que pequeninos!* Analisemos este facto tão simples e tiremos a conclusão. Qual é a força que inebria este meu refeitoreiro, que também é pequenino, a pontos de esquecer a sua obrigação? Deixar tudo por fazer na hora em que tem de ser feito. Namorar os dois pequeninos que ele vê a toda a hora; —aonde a razão? Na liberdade que ele tem. Liberdade de agir, de pensar, de se mover, de falar. Liberdade até de transgredir, a ponto de me fazer esperar. Isto é maravilhoso. Temos aqui o elemento da criança. Se assim se não faz um homem, não há nada nem ninguém que o faça.

\*\*\* O *Formiga*, como já aqui foi dito, voltou à obrigação das capoeiras. Nos meios afectos à casa-mãe este regresso foi muito bem visto. Ora acontece que o *Formiga* veio-me fazer queixa da senhora da cozinha por ter vendido a visitantes duas galinhas brancas: *as mais bonitas que eu tinha*. Momentos depois, foi-me preciso ir ao escritório aonde o Avelino tem o cofre e tendo visto dentro dele uma caixa com dinheiro dentro, pergunto e ouvi: *é o ninho da senhora da cozinha*. Juntando as coisas e sem nada perguntar à senhora, ficamos a saber que ela vende e faz ninho. Resultado? Compras. Tem coberto de pedramármore todas as mesas e todos os armários. Uma cantoneira do mesmo material para colocar o relógio. Sempre que vai ao Porto, sabido é que no dia seguinte temos novidade. A última são duas grandes cortinas numa das janelas da copa com enfeites de chita a fazer de renda—uma câ para ardentel! Eu peço aos visitantes que não deixem de ver, e estou certo que hão-de dar razão ao *Formiga*.

\*\*\* O *Tomar segundo* e digo segundo porque temos o Bonifácio que é o primeiro; pois o *Tomar*, dizia, resolveu fugir. Ele é um vendedor de classe. Tem grande ascendente sobre os outros. É

destes rapazes que risca e manda e é obedecido. Foi no Porto e terminada a venda, que o rapaz resolveu executar o seu plano de fuga. Antes de o fazer, porém, toma uma folha de papel e escreve ao seu amigo Alberto esta carta:

«Vais à Caixa Geral de Depósitos na Rua de S. António—10 h. Para o Guilhufe a Companhia dos Telefones, para o Toupeira a Alfândega, e o Crédito na Rua Sampaio Bruno. Para o Banana, Polícia Internacional. Para o Quim vai às 8,15 ao Café Guarani e deixa lá 8 e diz que é para o Sr. Américo. Para o Artur, Padaria Céres. Macaquito, Banco Lisboa e Açores. Rosário, João Tomaz Cardoso rua Sá da Bandeira. Alcino, Estilográfica e o Quim que vá àquele frenguês da Avenida dos Aliados e ao Café Rivoli e a minha zona é para o Jaimito.»

Temos aqui uma declaração de muito amor à sua colmeia. É um misto de aventura e indecisão. O zelo da obrigação que não cumpriu, enche-o. Quem pode decidir? O seu primeiro lanço, foi Porto-Espinho. Ali é interceptado. A polícia quer saber. Ele embrulha e por fim cai na verdade. Aí vem o telefone a perguntar e lá vai a nossa resposta: *ponha o homem na rua e deixe seguir*. *Tomar* entra de novo na posse dos seus movimentos e suas delibera-

ções. Fugir não é um mal. Estrada em fora, não levou muito que não passe a caminheta que o havia de levar. Quem pode resistir ao brábito ousado posto no meio da estrada? E assim arranja a primeira boleia que durou até à Figueira. Comer? Isso não importa. Nós cá é que andamos sempre com o pensamento nessa coisa banal. *Tomar* não. Ele vai de levada. Tem saudades. Quere ver os seus. Nova boleia e aí o temos na sua terra natal. Mas dá-se algo dentro de si. É que ele, tempo antes, estivera ali com seu irmão. Foram com licença minha, por isso mesmo saíram com todas as honras e ali foram por todos honrados. Agora o caso é diferente. É um fugitivo. Ele mesmo sente, vê e compreende. A consciencial! Horas depois regressa. Até ao Entroncamento foi um senhor que lhe pagou a passagem. E agora? Agora nada. O *Tomar segundo* acabava de vencer o vexame da sua terra natal e ganha forças. Em Paço de Sousa também tem amigos. Ali é já um seu cantinho. O primeiro comboio que passa, ele abre a porta e mete-se dentro como qualquer passageiro. Perto da Alfarelos aparece o revisor. Agora é que vão ser elas! O fugitivo tem encantos de sedutor. Uma voz muito timbrada. Olhos pretos e brilhantes. Que pena eu tenho da mãe que o trouxe no ventre, não poder hoje gozar a sua posse total! Antes que o rapaz falasse foi o revisor que disse: *tu és gaiato*. Um passageiro desconhecido, escuta a conversa. O mesmo revisor dissera-lhe *tu fugiste* e é justamente aqui que o visinho acode: *Mas tu vais a caminho da Casa do Gaiato, meu filho?* O sim do fugitivo foi o custo da viagem. Não sei de quem se trata. Não posso agradecer. Que importa? Maior será a sua recompensa. Segundo o *Tomar*, este mesmo passageiro cobriu-o de bons conselhos e disse-lhe ternuras. A piedade a falar! Chegado a S. Bento dirige-se ao Lar do Porto aonde o senhor padre Carlos o recebe e aí vem o castigo; ir a pé para Paço de Sousa. *Tomar* cumpriu. Chegou aqui derreado e confessou a todos os seus colegas que nunca mais. Quem quiser ouvir esta história da sua própria boca, não tem mais que perguntar-lhe. Ele é o rei dos vendedores. E o *Tomar*.

\*\*\* Hoje, estando eu sentado e já no fim da refeição, sou chamado pelo Antoninho: *olhe acolá*. Era uma bicha dos mais pequeninos, não sei quantos, mas um ror, de caixotas na mão. *Vão os grilos*. A natureza não engana. A horas marcadas vêm. Chegou o tempo. O instinto também não; o rapaz sabe que os grilos chegaram.

Antoninho, ali ao pé de mim e com muita pena de os não poder acompanhar, dá em explicar-me: *vai-se com uma palheira ao fundo da toca e o grilo sai*. Sem se lembrar e até, saber, que justamente como os seus companheiros de agora, também eu ia aos grilos, quando era pequenino. Nós somos todos da mesma marca.

Antoninho pediu-me então. Já antes o havia feito e agora não me larga. Quere ir à festa do Coliseu com um discurso dos grilos: *faça-me um papel dos grilos*. Ora eu confesso que não é nada fácil.

## PRESENÇA

Presença foi a palavra do Papa na Festa Maior do ano cristão.

O Mestre ressuscitou e está no meio de nós. Continua vivo entre nós até ao fim dos tempos.

A natureza humana, ao ser dotada n'Ele, pela vez primeira, com os caracteres gloriosos, ficou para sempre capaz daqueles dons. Bastaria que os homens aderissem a Cristo ressuscitado. Aderissem na sua vida humana divinizada, copiando da Vida d'Ele, vida divina humanizada.

Jesus tornou-se definitivamente o ponto de encontro entre Deus e os homens. Aqueles de boa vontade que se não fecharam à evidência da Ressurreição, deixaram de poder dizer das suas vidas: isto divino, aquilo humano, porque tudo neles passou a um ser novo, divino-humano.

A mensagem do Papa nesta Páscoa é uma tal afirmação.

«Para o cristão, a quem a verdade da Ressurreição ilumina, a fé é vida plena e essencial, em comunhão com Cristo na Igreja.»

Como poderá portanto o crenente separar em si religião e vida, sem dividir mortalmente o próprio ser e sem transformar, como insensato, a obra de Deus?

Seja portanto viva a vossa fé; quer dizer, seja ardente e vivida, de modo que a religião dirija a vida, e a vida se torne contínuo acto da religião. Na verdade, quanto mais profundamente está o cristão radicado na fé, tanto mais prontamente cumpre os deveres que a vida lhe impõe, e tanto mais eficazmente opera quando deve desempenhar os altos cargos e obrigações de promover o bem social, a obra pública e a pacífica convivência dos povos.»

Deste princípio, o Santo Padre,

descendo ao concreto de alguns dos maiores problemas humanos actuais, chama a atenção dos homens às consequências eternas que esses problemas lhes podem trazer conforme resolvidos à luz de Cristo ou longe dela. O desarmamento, a investigação científica, «os recentes progressos que levaram a bom termo a tentativa de mover um navio com energia originada em transmutações nucleares», os perigos da genética, o uso de radiações no desenvolvimento dos vegetais e na conservação dos frutos—são outros tantos pontos tão terrenos (nos parecemos!) que o Papa não desdenha sublinhar no aniversário da Redenção.

Acerca deste último ponto diz mesmo: «Podem essas investigações contribuir para resolver os problemas da alimentação, que tanta importância têm na vida da humanidade.» Vida—quer dizer o Papa—Vida eterna, começada nesta fase temporal.

Finalmente o seu pensamento paternal e a Sua Bênção dirigem-se «às multidões desoladas dos pobres espalhados pelo mundo, que são os mais vizinhos do Nosso coração; às famílias a que falta tudo; aos doentes que sofrem nos hospitais, nos sanatórios e nas clínicas; aos miseráveis detidos nas prisões; e a todos os outros oprimidos pela dor—para que da misericórdia de Deus e do amor dos bons recebam todos copioso conforto e auxílio».

Ora se há quem julge ou diga, que a Igreja cuida somente de almas em desprezo do homem total, tem aqui, na mais autorizada palavra preferível no Seu seio, o completo desmentido de um ruim engano.

P.º Carlos